

Nº 15
VOLUME 02
Setembro
2002

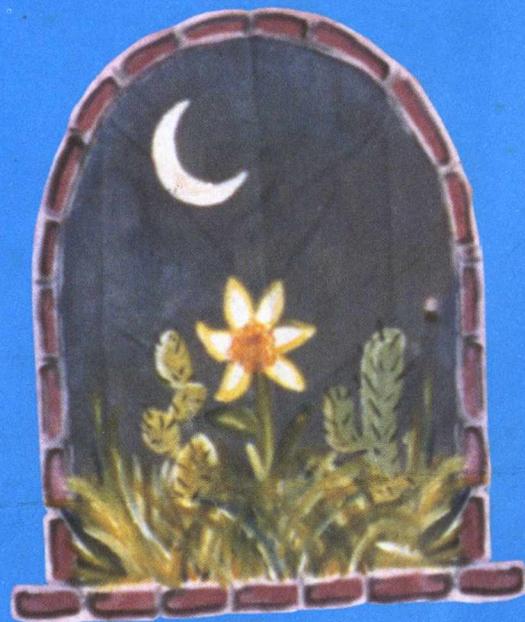


Galante

Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

TEATRO de RUA

Beto Vieira





Ator Beto Vieira, Trotamundos Companhia de Artes

Desde os remotos tempos em que o ser humano fazia uso das cavernas, como moradia e abrigo das intempéries, as artes já se faziam presentes no seu cotidiano, como forma de expressar seus anseios, sentimentos e pensamentos sobre as circunstâncias daquele tempo primitivo. Em alguns sítios arqueológicos catalogados, podemos identificar nas pinturas representativas de

caçadas, homens disfarçados sob a pele de animais, numa ardilosa tática e técnica de aproximação e êxito na vital tarefa de caçar. Deste episódio ancestral, podemos vislumbrar o nascimento do GESTO TEATRAL... a "ilusão" pela representação... a encenação... o teatro ao ar... LIVRE!

Acompanhando a evolução natural do ser humano, o teatro progrediu na sua forma, conceitos e concepção cênica e dramática, sem no entanto se distanciar do seu berço primário, as ruas e espaços abertos. Mesmo as construções de espaços específicos para as funções teatrais da Grécia antiga mantinham as características primitivas de espaços amplos a céu aberto.

Quando na Idade Média as trupes mambembes percorriam a Europa, mostrando

suas habilidades artísticas, intercalando toda sorte de artifícios, como malabares, pernas de pau, números pirotécnicos às suas representações dramáticas, tendo como retorno financeiro a espontânea colaboração da platéia, surgia o personagem "produtor" que, visando os possíveis lucros, não hesitou em levar o teatro para ambientes fechados onde poderia cobrar antecipadamente do público um valor imposto e estipulado mediante a localização e conforto oferecidos ao espectador, criando assim uma divisão sócio-econômica na platéia que permanece até hoje, em circos, teatros e campos de futebol. Entretanto, esta situação, em princípio tentadora e compensadora, não foi suficiente para separar o teatro da mãe-rua. Hoje, grupos e companhias do mundo inteiro adotam o Teatro de Rua como sua essência e característica principal e, por vezes, única.

Natal oitocentista foi palco do desfile de São Bartolomeu, um Teatro coletivo e popular realizado pelas ruas no dia 24 de agosto (dia de S. Bartolomeu, dia em que o Diabo anda solto segundo a tradição), ligado às tradições

portuguesas dos autos de moralidade do século XI, que tinham o objetivo de "ensinar" coisas de ordem moral/religiosa. Durante a Quaresma, a cidade também assistia à procissão dos penitentes, encapuzados que saíam à noite assustando a população. Outras

Com o passar do tempo, estas manifestações, assumindo um lado



Foto: Arquivo - Cia. Escarcéu de Teatro

manifestações da arte popular eram a dramatização do nascimento do Menino Deus, a lapinha e também ligadas à religião, as chamadas jornadas, que contavam através de cânticos o nascimento de Cristo.

profano, desembocaram em pastoris e grupos de bois de reis. Era o teatro do povo, simples e coletivo, que em Natal se apresentava até o início do século XIX. Nos anos setenta, grupos natalenses como



Atriz Fátima Arruda, do Grupo Alegria Alegria

o TONUS, Teatro Novo Universitário, percorreram todos os

pátios de igrejas e outros disponíveis. Até então, apesar desta louvável iniciativa, os grupos não assumiam as ruas como seu palco e opção de linguagem teatral. Em 1979 a cidade de Natal recebeu a visita

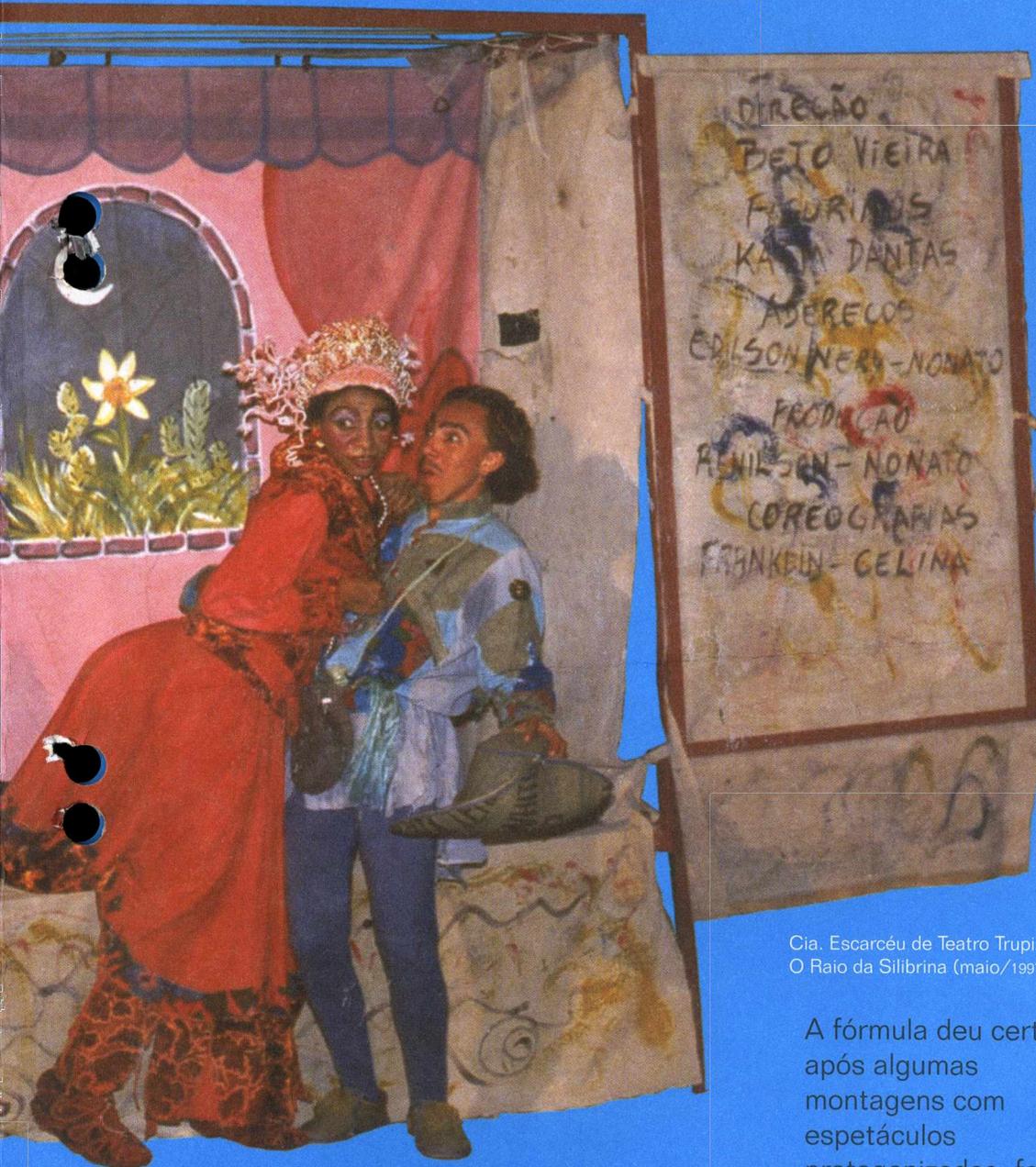
uma primeira semente que germinou e desabrochou na criação, em 1983, do primeiro grupo de teatro de Rua do estado, o Alegria Alegria. Um grupo de palhaços que a partir de 84 começou a explorar e assumir as Ruas como seu espaço cênico.

destaque entre os grupos de Rua do Brasil. Outras montagens aconteceram: "João de Deus e do Diabo" de Jairo Lima e Lúcio Lombardi, "O Inspetor Geral" de Gogol, entre outras.



Racine Santos - Escritor

Boca de Rua. Atingiu o ápice com montagens como "A Festa do Rei" de Racine Santos e "Ilustríssimos Senhores"



Cia. Escarcéu de Teatro Trupizupe
O Raio da Silibrina (maio/1997)

A fórmula deu certo e após algumas montagens com espetáculos protagonizados, foi a vez de adaptar e montar o texto de Racine Santos, "As Aventuras de Pedro Malazartes". Este último totalizou mais de 1500 apresentações, transpondo as fronteiras do estado, da região nordestina e do país. Ganhou nome e

municípios do Rio Grande do Norte com espetáculos concebidos, em princípio para o palco convencional dos edifícios teatrais, adaptando-os para os palcos improvisados em carrocerias de caminhão,

de um autêntico grupo de Teatro de Rua, o IMBUAÇA de Aracaju que, ao realizar um grande movimento pelas ruas do centro, foi além da sua proposta intencional e, por conseqüência, plantou

num efeito contagiante e multiplicador outros grupos foram tomando o mesmo caminho como a Cia. ESCARCÉU de Mossoró, hoje um grupo de relevância e destaque no cenário artístico nacional, tendo marcado a sua gloriosa trajetória em espetáculos do calibre de "A Árvore dos Mamulengos" de Vital Farias e "O Casamento de Trupizupe", de Bráulio Tavares, com direção de Beto Vieira. Continua pelas ruas, praças e feiras do Brasil. Outro grupo que, apesar de extinto, merece citação é o TUMAN, Teatro Universitário Mandacaru, transformado por influência direta do Alegria Alegria em grupo de Teatro



Scriptoria **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO
Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790
www.proj-nacaopotiguar.com.br

Direção Artística e de Pesquisa
Dácio Galvão

Fotografias
Candinha Bezerra

Colaborador
Beto Vieira
Ator e Diretor de Teatro

Programação visual
CO2 COMUNICAÇÃO

de autor pernambucano. O grupo Estandarte também fez



Atriz Ana Celina, Trotamundos Companhia de Artes



Foto: Arquivo - Cia. Escarcéu de Teatro

Cia. Escarcéu de Teatro Trupizupe
O Raio da Silibrina (Caucaia/CE)

experimentos nas Ruas. Hoje temos um filho caçula, a Trotamundos Companhia de Artes, formada por ex-integrantes do Alegria Alegria, despontado como nova referência do Teatro de Rua. Nos anos 90, a enorme proliferação de grupos de Rua deu início ao Movimento ESCAMBO, promotor de encontro dos vários grupos, objetivando trocar experiências e "invadir" as cidades sedes com mostra da produção teatral de Rua. Lamentavelmente, as mensagens político-ideológicas acabaram se sobrepondo à qualidade artística dos

espetáculos. Contrariando o aprimoramento técnico que deveria resultar em espetáculos verdadeiramente teatrais, subsidiando elementos artísticos que propusessem uma nova política artístico-cultural, trazendo consequências e responsabilidades estéticas. Assim, por excesso teórico-ideológico, o movimento entrou num irreversível processo de autofagia e,

com isto, cerca de vinte grupos desarticularam-se.

As ruas são dinâmicas, vivas e efervescentes e, como elas, o Teatro de Rua se mantém, suportando as mudanças e variações, acompanhando a evolução e se adaptando ao novo. São os pés no presente, um olho no passado e outro no futuro. É teatro democrático sem distinção de classes sociais, sem paredes protetoras isolantes, é o teatro lado a lado com o povo, platéia, atores,

sons, arquitetura, carros... é magia envolvente na brincante arte de representar, é a rua escola maior na formação de bons atores e, por extensão de boas platéia; é a rua do

camelô, João Redondo e de tantas representações populares, é a Rua do teatro é o TEATRO DE RUA.

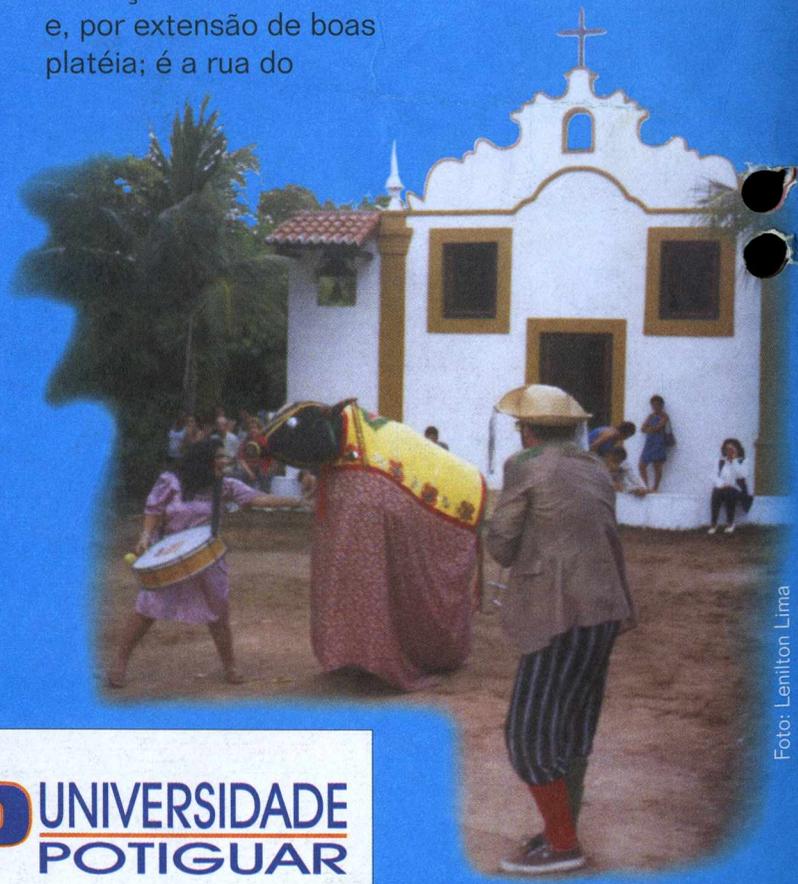
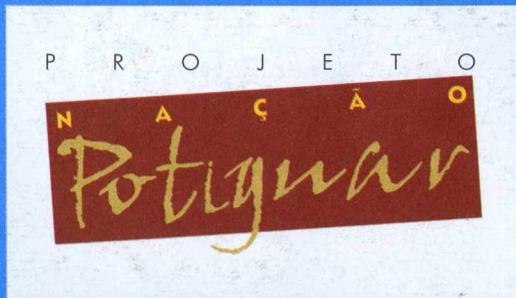


Foto: Lemilton Lima



UNIVERSIDADE POTIGUAR
www.unp.br
Nossa cultura, nosso saber.

Trotamundos - Uma Farsa... no Boi?!